

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM EM ÉPOCA DE REVOLUÇÃO

Gil Roberto Costa Negreiros
(PUC-SP e UNIVERSITAS)

CRISTAL, David. *A revolução da linguagem.*
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

David Crystal, lingüista irlandês, atualmente professor honorário de Lingüística da Universidade do País de Gales (*Wales*), em Bangor, nos últimos anos tem-se dedicado aos estudos das conseqüências da globalização econômica e cultural no cenário lingüístico contemporâneo. Autor da trilogia formada por *English as a Global Language* (1997), *Language Death* (2000) e *Language and the Internet* (2001), Crystal, em seu livro *A revolução da linguagem*, reúne, de forma coesa, os três temas presentes na trilogia, que se completam e que são essenciais principalmente para aqueles que buscam discutir o cenário lingüístico do século XXI.

Na verdade, segundo Crystal, desde a década de 1990, vivemos uma revolução lingüística, marcada pelos seguintes fatos: a adoção do inglês como língua franca; a extinção das línguas minoritárias; o surgimento de uma nova modalidade lingüística, oriunda das novas possibilidades de comunicação trazidas pela Internet.

Assim, o livro se torna leitura básica não apenas para estudantes de Letras, professores e pesquisadores das áreas lingüísticas e sociais, mas também para todos aqueles que se preocupam com o futuro lingüístico do planeta, bem como para aqueles que se perguntam sobre as conseqüências dos três fatos que marcam a revolução lingüística do novo milênio.

A revolução da linguagem chama a atenção não só pela temática, mas também pelo formato tipográfico dado pela editora. Com páginas bem desenhadas e atraentes, o livro desperta interesse pelas letras que formam, na capa, o nome do autor ligado ao título, com letras invertidas, separadas apenas pela cor.

De linguagem clara e acessível, muitas vezes até informal, o livro se divide em cinco capítulos. Os três primeiros se referem aos temas que marcam a revolução. No quarto capítulo, de caráter premonitório, Crystal nos dá pistas das ações que podem ser feitas “depois da revolução”. Já no quinto capítulo, o autor lista, em dez itens, os temas lingüísticos para o século XXI. Além disso, o livro conta com o prefácio intitulado “Os desafios do Século XXI”, em que a autora Yonne Leite apresenta, de forma sintética, os caminhos da ciência lingüística até a contemporaneidade, época em que as proposições apresentadas em *A revolução da linguagem* se colocam no centro das discussões. Da mesma forma, a presença do índice remissivo só vem a contribuir para uma segunda leitura do livro, na localização de assuntos mais específicos, que perpassam os três temas principais.

Dentre esses últimos, Crystal postula que o surgimento do inglês como língua mundial, apesar de ser observado explicitamente apenas nos anos 90, já era anunciado desde o Séc. XVIII. Hoje, a língua inglesa preenche um espaço nunca antes ocupado por língua nenhuma, nem mesmo pelo latim. Com números que impressionam, o autor nos dá uma idéia de como o inglês se encontra presente na sociedade contemporânea, principalmente se levarmos em conta o desdobramento tríplice da tipologia de usuários:

Por causa desse desdobramento tríplice – de falantes como primeira língua, segunda língua e língua estrangeira –, é inevitável que uma língua do mundo acabe sendo usada por mais pessoas do que outra qualquer. O inglês alcançou agora esse status. (Crystal, 2005: 21)

O autor, assim, baseado em pesquisas quantitativas, afirma que, se somarmos o número de falantes que usa o inglês como primeira língua, o número que o emprega como segunda língua, mais o número de pessoas que o utiliza como língua estrangeira, chegar-se-á ao total de um bilhão e 400 milhões de pessoas, o que equivale a um quarto da população mundial (cf. Crystal, 2005: 22).

Uma causa óbvia de tamanho crescimento seria a necessidade de uma língua franca, bem como o poder das nações que têm o inglês como língua oficial, principalmente Inglaterra e, sobretudo, os Estados Unidos da América. O autor, para provar como os poderes social, político, econômico e tecnológico influenciaram na adoção do inglês como língua franca, cita dez domínios nos quais o inglês se

tornou preeminente: a política, a economia, a imprensa, a propaganda, a radiodifusão, o cinema, a música popular, as viagens internacionais e a segurança, a educação, as comunicações.

Como conseqüência desse extenso domínio, o pesquisador nos diz que não se pode afirmar o que irá acontecer no mundo lingüístico, mas algumas tendências podem ser consideradas hipóteses viáveis.

A primeira delas é a formação de “vários ingleses”. Atualmente, percebe-se que, apesar de o inglês “estar relativamente estável em seu status mundial”, por certo “não o está em seu caráter lingüístico”, já que, por estar em constante contato com outras línguas, há uma miscigenação constante entre o inglês (aprendido como segunda língua ou como língua estrangeira) e as línguas primárias. Essa mistura dá um caráter especial ao léxico, à fonética e à sintaxe da língua. No caso específico, há o desenvolvimento de “línguas inglesas próprias”, marcadas pela heterogeneidade de miscigenações. A língua, afirma Crystal, é uma instituição imensamente democrática:

A evidência da diversificação lingüística – os “novos ingleses”, com mistura de códigos cada vez mais acentuada – existe há um longo tempo, mas a extensão de sua presença veio apenas recentemente a ser apreciada. (Crystal, 2005: 41)

Tais fatos são comprovados, do ponto de vista histórico, pelo autor, quando este elabora um paralelo entre o inglês e o latim. Tal comparação, além de ser esclarecedora, merece a qualificação, sobretudo, de ser curiosa, haja vista as diversas coincidências entre essas duas línguas.

Outra conseqüência proveniente da adoção do inglês como língua franca é o que vai ocorrer com as outras línguas. “Um mundo onde só tivesse restado uma língua – um desastre intelectual sem precedentes – é um cenário que poderia ser teoricamente obtido em 500 anos” (cf. idem: 52). Essa é a segunda dimensão da revolução da língua: a extinção da maioria delas, tema que é discutido no segundo capítulo da obra de David Crystal.

É fato que nenhuma língua vive de forma isolada. Assim, ao longo da História, as línguas se transformaram constantemente. Muitas delas, também, desapareceram. Entretanto, da década de 90

para cá, o que se nota é o aumento da velocidade dos desaparecimentos.

Cabe observar que não só o inglês está envolvido no problema do desaparecimento lingüístico, mas todas as línguas majoritárias, como o espanhol, o francês e o português. No caso brasileiro, é fácil observar o fenômeno. Basta verificar as línguas indígenas que desapareceram e as que estão em processo de extinção:

O que é tão dramático é a dimensão do problema. Não há nada de estranho em uma língua morrer. Comunidades surgem e desaparecem ao longo da História, e com elas suas línguas. [...] Mas o que está acontecendo hoje é extraordinário, julgando-se pelos padrões do passado. Metade das línguas do mundo morrendo em um século significa uma extinção lingüística em uma escala maciça e sem precedentes. (Crystal, 2005: 60)

E a necessidade de preservação lingüística está baseada, além do aspecto de conservação cultural, na própria sobrevivência humana. Segundo o pesquisador, o pensamento evolucionista está centrado na diversidade. Toda uniformidade crescente traz perigos para a sobrevivência da espécie. A heterogeneidade está ligada a ecossistemas fortes. Desta maneira,

se a diversidade é um pré-requisito para o sucesso da humanidade, então a preservação da diversidade lingüística é essencial, pois a língua está no cerne do que significa ser humano. (Crystal, 2005, 68)

O terceiro e último fator que marca a revolução lingüística de nosso tempo refere-se à aquisição da Internet pelo público. Crystal destaca que há, hoje, três tipos fundamentais de texto, aos quais ele chama de hipertexto (expressão muito usada atualmente pela Lingüística): a *world wide web* (www), as mensagens eletrônicas (os *e-mails*) e os textos de bate-papo (*chats*), gêneros textuais¹ que não se excluem, mas que podem ocorrer mutuamente.

O que mais chama a atenção do autor no que se refere à Internet é o tipo de linguagem que se criou. Diferente da fala e da escrita, a linguagem da Internet se adequa à mídia eletrônica, global e interativa:

¹ David Crystal, no livro aqui resenhado, não usa a expressão “gêneros textuais”. Usamo-la por entendermos que é ela que melhor define os três tipos de textos citados.

Existem, portanto, certas atividades lingüísticas que o veículo pode facilitar bastante, e outras com que ele não consegue lidar de modo algum. Há também algumas atividades lingüísticas permitidas pelo meio eletrônico que nenhum veículo consegue alcançar. É por isso que nos parece apropriado falar em “revolução”. (Crystal, 2005: 80)

Importa observar que o autor não considera o hipertexto, ou *netspeak*, um gênero misto entre fala e escrita. É nesse ponto que ele difere de pesquisadores como Hilgert (2000) e Marcuschi (2001). Assim, Crystal classifica o *netspeak* como uma modalidade especial, marcada por características novas, até então impossíveis de serem observadas na interação humana:

O *netspeak* é mais do que um agregado de características faladas e escritas. Porque faz coisas que nenhum desses outros meios faz, tem de ser visto como uma nova espécie de comunicação. É mais do que um híbrido de fala e escrita, ou o resultado do contato entre dois veículos existentes há muito. Os textos eletrônicos, de qualquer tipo, não são a mesma coisa que as outras formas de texto. Eles demonstram fluidez, simultaneidade (ao estarem disponíveis em um número indefinido de máquinas) e não se degradam com cópias; transcendem as limitações tradicionais de disseminação do texto; e possuem fronteiras permeáveis (por causa do modo como um texto pode ser integrado a outros ou exibir *links* para outros). Algumas dessas possibilidades apresentam conseqüências para a língua, e essas se combinam com aquelas associadas à fala e à escrita para tornar o *netspeak* um autêntico “novo veículo”. (Crystal, 2005: 90)

Depois de discutir as conseqüências desse novo veículo de expressão dentro da língua, o pesquisador, ao final do trabalho, retoma os três pilares da revolução, interligando-os. Contudo, o que chama a atenção nos dois últimos capítulos é a preocupação do autor para com as línguas que se encontram em processo de extinção. Uma vez que é inevitável a adoção do inglês e da nova modalidade de expressão lingüística, cabem à sociedade ações que visem a preservar a heterogeneidade lingüística do planeta.

Assim, além de interesse particular, deve haver interesse geral e, principalmente, dinheiro no processo de revitalização, resgate e salvamento das línguas ameaçadas de desaparecimento.

O interesse particular se refere aos próprios falantes da língua em extinção que, em conjunto com o interesse dos órgãos de governo e das instituições não governamentais e de apoio à Cultura (como a

UNESCO), implementariam projetos a curto prazo no sentido de proteger as línguas ameaçadas.

Mas como despertar o interesse, a conscientização e o entusiasmo nos falantes e, conseqüentemente, nos órgãos de apoio? Isso, segundo Crystal, é fundamental, tendo em vista que, hoje, poucas pessoas estão conscientes da existência do problema, bem como da dimensão dele.

Para se despertar o entusiasmo nas pessoas, só há, segundo o pesquisador, duas formas. Por meio da religião e por meio da arte. A produção acadêmica (divulgada, sobretudo, em publicações), apesar de ser responsável por grande parte da mudança intelectual, não tem o poder de entusiasmar as pessoas. Assim, passa pela difícil união entre ciência e arte o projeto de revitalização das línguas. Crystal, em discurso quase que pessoal, insiste nessa tese, postulando que poucos artistas possuem um grau real de consciência a respeito do problema. Da mesma forma é o interesse do público. A morte das línguas não é apenas “não-comercial”. É um “nada comercial” – afirma o autor.

Por fim, no quinto e último capítulo, o autor nos apresenta uma agenda de temas lingüísticos para o século XXI, que perpassam os seguintes assuntos: a valorização e a diversificação constante do inglês; a aceitação da Internet como veículo para preservação das línguas minoritárias; a prioridade de interesses e ações com relação às línguas ameaçadas de extinção; o combate ao preconceito lingüístico; o aumento do interesse pelo alcance expressivo das línguas; a aceitação das mudanças lingüísticas; a preocupação pelos problemas relacionados à “saúde lingüística” das pessoas; a aproximação dos estudos de língua com os de literatura e, por fim, a valorização das línguas como tesouros nacionais.

Desta forma, a obra *A revolução da linguagem*, de David Crystal, é uma obra reveladora, que nos coloca frente a frente com o presente lingüístico em que vivemos e com o futuro não tão distante que nos espreita. Grande parte de nossas dúvidas é solucionada, assim como nossos preconceitos são combatidos. Como crítica mais contundente, há que se observar o caráter repetitivo do texto de Crystal, que sempre volta a questões já relatadas. Todavia, essa repetição de conteúdos não prejudica a importância e a sobriedade do enunciado, que nos chama atenção para a sobrevivência daquilo que

homem tem de mais humano: sua língua que, quando morta, transforma-se na morte coletiva de toda comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Contexto, 2001.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. **In:** PRETI, Dino. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas. Série Projetos Paralelos, 2000, v. 4.